

O Livro de Daniel - Número cento e noventa e seis

Paralelos proféticos e desapontamento divino: a jornada revelatória do povo de Deus dos últimos dias em Apocalipse 10

Jeff Pippenger
2024-04-27

No capítulo dez do Apocalipse, em que é representada a história das mensagens do primeiro e do segundo anjo, João, como símbolo do povo de Deus dos últimos dias, foi informado de antemão de que haveria um desapontamento na história que ele representava simbolicamente, e que esse desapontamento era o elemento da história das mensagens do primeiro e do segundo anjo que havia sido vedado ao entendimento dos mileritas, a fim de provar a sua fé.

E a voz que eu ouvira do céu falou comigo novamente e disse: Vai e toma o livrinho que está aberto na mão do anjo que está sobre o mar e sobre a terra. E fui ao anjo e lhe disse: Dá-me o livrinho. E ele me disse: Toma-o e come-o; fará amargo o teu ventre, mas na tua boca será doce como mel. Então tomei o livrinho da mão do anjo e comi-o; na minha boca era doce como mel, mas, assim que o comi, o meu ventre ficou amargo. Apocalipse 10:8-10.

No versículo dez, João representa a história desde 11 de agosto de 1840, quando o poderoso anjo desceu com um livrinho na mão, até o Grande Desapontamento em 22 de outubro de 1844. Antes de representar simbolicamente essa história, lhe é dito pela "voz que" ele "ouviu do céu" que, ao comer o livrinho, "ele amargará o teu ventre, mas na tua boca será doce como mel". A decepção amarga foi o que pôs à prova a fé dos mileritas, e não era o melhor para eles saberem dessa decepção antes que ela chegasse; porém, João representa o povo dos últimos dias, que deve conhecer os fatos associados à delineação dos acontecimentos, que são a história da primeira e da segunda mensagem angélica.

Essa história sagrada indica que haveria uma prova imposta ao povo dos últimos dias, e seria uma prova baseada em algo que não seria o melhor para eles compreenderem de antemão, ainda assim, não era a experiência idêntica à dos mileritas, embora se alinhasse perfeitamente com a delineação dos eventos representados pelo primeiro e pelo segundo anjo, pois os Sete Trovões também representam "eventos futuros que serão revelados em sua ordem."

Embora lhes fosse requerido conhecer a história fundamental dos mileritas, o povo de Deus dos últimos dias cumpriria o mesmo delineamento de eventos que os mileritas; mas o que testou os mileritas — e que era melhor que eles não soubessem de antemão — seria uma prova diferente, provocada por um elemento que esteve selado até que chegasse a hora do Leão da tribo de Judá desvelar a Revelação de Jesus Cristo, o que ocorre na história oculta do versículo quarenta de Daniel onze.

O que foi selado foi destinado a provar o povo de Deus dos últimos dias, e a prova se alinharia ao marco em que os mileritas foram provados, pois, quer no primeiro cumprimento na história milerita, quer no último cumprimento dos últimos dias, os Sete Trovões eram “uma delineação de eventos” “que seriam revelados na sua ordem.”

Tem passado amplamente despercebido que, assim como João representa a história da descida de Cristo com o livrinho, desde 11 de agosto de 1840 até o Grande Desapontamento de 22 de outubro de 1844, essa mesma história também foi representada pela descida do segundo anjo em 19 de abril de 1844. O primeiro desapontamento pode ser entendido como o desapontamento de João, que, após comer o livrinho em 11 de agosto de 1840, experimentou desapontamento em 19 de abril de 1844. Quando esse desapontamento chegou, o segundo anjo desceu com um "escrito" na mão.

Outro poderoso anjo foi incumbido de descer à terra. Jesus colocou em sua mão um escrito e, ao vir à terra, clamou: 'Caiu, caiu Babilônia.' Então vi os desapontados erguerem novamente os olhos para o céu, aguardando com fé e esperança o aparecimento de seu Senhor. Mas muitos pareciam permanecer em um estado de estupor, como se estivessem dormindo; contudo, eu podia ver o traço de profunda tristeza em seus semblantes. Os desapontados viram, pelas Escrituras, que estavam no tempo de demora e que deviam esperar pacientemente o cumprimento da visão. A mesma evidência que os levou a esperar por seu Senhor em 1843 levou-os a aguardá-lo em 1844. Todavia, vi que a maioria não possuía aquela energia que caracterizava sua fé em 1843. Seu desapontamento havia enfraquecido sua fé. Primeiros Escritos, 247.

A história milerita que João representa no capítulo dez é a história do primeiro e também do segundo anjo. A descida do primeiro anjo com uma mensagem, e a descida do segundo anjo com uma mensagem, marcam o início de respectivas histórias, ambas terminadas em desapontamento, embora João esteja ilustrando mais diretamente toda a história de ambos os anjos. Mesmo depois de 22 de outubro de 1844, quando o terceiro anjo chegou com uma mensagem, o desapontamento da rebelião de 1863 fornece uma terceira testemunha de um período que começa com uma mensagem e termina em desapontamento.

A primeira decepção do movimento do terceiro anjo em 18 de julho de 2020 foi um paralelo à primeira decepção dos mileritas. Uma verdade foi selada, assim como a verdade de 1844 foi selada pelo Senhor, ao manter Sua mão sobre um erro em alguns dos cálculos, o que produziu a primeira decepção dos mileritas. Quando o erro foi então compreendido, o erro foi des-selado, pois o Leão da tribo de Judá havia removido Sua mão. O erro de 18 de julho de 2020 foi provocado pela recusa em reconhecer que Sua mão havia sido levantada em 22 de outubro de 1844, quando Ele declarou que "não haveria mais tempo".

Quer tenha sido o movimento de Filadélfia da primeira decepção do primeiro anjo, quer a primeira decepção do movimento de Laodiceia do terceiro anjo, Sua mão representa o marco. Em 19 de abril de 1844 e em 18 de julho de 2020, o desapontamento produziu um tempo de dispersão. Aqueles que haviam sido reunidos em 11 de agosto de 1840 ou em 11 de setembro de 2001 foram dispersos, e depois disso Cristo começou a reunir Seu povo pela segunda vez.

Ele havia reunido um povo a partir de 11 de setembro de 2001, pois, como representado pelo batismo de Cristo, é quando o símbolo divino desce que Ele começa a reunir os Seus discípulos, e não antes. Então, depois de uma dispersão, Cristo reúne o Seu povo pela segunda vez. Cristo reuniu os Seus discípulos a partir do Seu batismo e, após a dispersão produzida pela cruz, Ele começou a reunir os Seus discípulos pela segunda vez. O fato profético de um segundo ajuntamento que começou em julho de 2023 fazia parte do que havia sido selado em 18 de julho de 2020, embora fosse claramente um elemento da história dos mileritas.

No versículo quarenta de Daniel 11, a besta do abismo levantou-se e abateu os dois chifres da besta da terra em 2020. Em julho de 2023, o Senhor começou a ajuntar Seu povo dos últimos dias pela segunda vez. O processo de ajuntamento está representado na sagrada história milerita e, nessa história, há duas testemunhas históricas do fato de Ele ajuntar Seu povo pela segunda vez. O processo de ajuntamento é um elemento profético que esteve selado até julho de 2023. A obra de ajuntar Seu povo pela segunda vez se cumpre durante a história da Guerra da Ucrânia, pouco antes da segunda eleição do oitavo presidente, que é dos sete.

Em 11 de agosto de 1840, o Senhor reuniu o movimento milerita, e Ele marcou essa reunião com a introdução do quadro de 1843, que foi publicado em maio de 1842. O quadro representava a mensagem fundamental, pois Ele então estava lançando os alicerces do templo milerita. A descida do anjo de Apocalipse, capítulo dez, em 11 de agosto de 1840, corresponde ao batismo de Cristo, que, entre outras coisas, marcou o início da escolha, por Cristo, de Seus discípulos.

"Com o chamado de João e André e Simão, de Filipe e Natanael, começou a fundação da igreja cristã. João encaminhou dois de seus discípulos a Cristo. Então um deles, André, encontrou seu irmão e o chamou ao Salvador. Filipe foi então chamado, e foi em busca de Natanael." O Desejo das Eras, 141.

A obra de William Miller, desde o tempo do fim em 1798 até 11 de agosto de 1840, representou a obra de João Batista, mas, quando o anjo de Apocalipse dez desceu, como tipificado pela descida do Espírito Santo no batismo de Cristo, o Senhor "ajuntou" Seus discípulos fundamentais. Estas duas testemunhas indicam que Cristo ajuntou Seu povo dos últimos dias em 11 de setembro de 2001, quando o anjo de Apocalipse capítulo dezoito desceu, mas, assim como os mileritas, seriam provados por um elemento dos Sete Trovões, que haviam sido selados, e então o Senhor ajuntaria Seu povo pela segunda vez.

O segundo ajuntamento do povo de Deus nos últimos dias começou na história representada bem no final do versículo onze do capítulo onze de Daniel, pouco antes da vitória de Putin sobre a Ucrânia, e pouco antes do versículo doze, onde termina o testemunho profético da Rússia e de Putin. O capítulo onze, versículo onze, de Daniel, portanto, alinha-se com Apocalipse capítulo onze, versículo onze, pois é ali que as duas testemunhas são trazidas de volta à vida.

Na sagrada história milerita, o Senhor começou a reunir o Seu povo pela segunda vez após o desapontamento de 19 de abril de 1844, e o que o Senhor utilizou para reunir o Seu povo naquele momento foi o reconhecimento de que eles estavam cumprindo o tempo de tardança da parábola das dez virgens de Mateus capítulo vinte e cinco, e também de Habacuque capítulo dois. Para que

os mileritas reconhecessem sua condição e retornassem, precisavam reconhecer-se como representados na Palavra profética de Deus. Precisavam ver que eram o povo de Deus em contraste com aqueles que professavam ser Seu povo. Ao reunir o Seu povo desapontado, Ele estava proporcionando uma ilustração do estandarte que é erguido diante dos gentios, enfatizando assim a distinção entre o Seu povo genuíno, embora desapontado, e aqueles que simplesmente professavam ser Seu povo.

E naquele dia haverá uma raiz de Jessé, que se erguerá como estandarte dos povos; a ela buscarão os gentios, e o seu repouso será glorioso. E acontecerá naquele dia que o Senhor tornará a estender a sua mão pela segunda vez, para resgatar o remanescente do seu povo que restar, da Assíria, e do Egito, e de Patros, e de Cuxe, e de Elão, e de Sinear, e de Hamate, e das ilhas do mar. E levantará um estandarte para as nações, e ajuntará os desterrados de Israel, e congregará os dispersos de Judá dos quatro cantos da terra. Isaías 11:10-12.

Quando o profeta Jeremias representa aqueles que ficaram desapontados em 19 de abril de 1844, ele indicou que já não se associava à "assembleia dos escarnecedores", que utilizava a previsão fracassada de 1843 como prova de que os representados por Jeremias eram falsos profetas.

Não me sentei na assembleia dos escarnecedores, nem me alegrei; sentei-me sozinho por causa da tua mão, pois me encheste de indignação. Jeremias 15:17.

A "assembleia dos escarnecedores" havia expulsado aqueles representados por Jeremias.

Muitos foram perseguidos por seus irmãos incrédulos. Para conservar sua posição na igreja, alguns consentiram em calar-se quanto à sua esperança; mas outros sentiram que a lealdade a Deus lhes vedava ocultar assim as verdades que Ele lhes confiara. Não foram poucos os que foram excluídos da comunhão da igreja por nenhuma outra razão senão por expressarem sua crença na vinda de Cristo. Muito preciosas para os que suportaram essa prova de sua fé foram as palavras do profeta: "Vossos irmãos que vos odiaram, que vos expulsaram por causa do Meu nome, disseram: Seja o Senhor glorificado; mas Ele aparecerá para a vossa alegria, e eles serão envergonhados." Isaías 66:5. O Grande Conflito, 372.

Quando o Senhor erguer um estandarte aos gentios, tal ocorrerá quando Ele tiver estendido a Sua mão pela segunda vez para ajuntar o remanescente de Seu povo, que são os desterrados de Israel. São aqueles que já não se assentam na "assembleia dos escarnecedores".

A "raiz de Jessé" é um símbolo de duas linhagens de sangue, uma do judaísmo combinada com uma linhagem de fora do judaísmo, e representa não apenas a linhagem de Jesus, mas também é um símbolo da combinação da divindade com a humanidade, pois o estandarte que é erguido representa um povo que foi selado para sempre na condição e na experiência da combinação da divindade com a humanidade, o que também é representado no versículo dez do capítulo onze de Daniel pelo símbolo da "fortaleza". No versículo dez, o tempo do selamento dos cento e quarenta e quatro mil é inferido pelo entendimento profético da fortaleza, que é a cabeça. Na história do versículo onze e da Guerra da Ucrânia, o Senhor estende a Sua mão pela segunda vez para reunir os excluídos que ficaram desapontados.

Portanto, com o testemunho de Daniel onze como estrutura, identificamos a intrusão do papado na história profética, pouco antes da lei dominical. Vimos a obra do chifre Republicano representado por Trump, quando ele se torna o oitavo que é dos sete e começa a obra de unir Igreja e Estado. Temos a linha do chifre apóstata do Protestantismo, conforme representada pelos Macabeus. Na mesma história representada por esses versículos, aplicamos a linha dos Sete Trovões, que também é a linha da parábola das dez virgens, identificando a experiência dos cento e quarenta e quatro mil, bem como a linha dos três anjos, que delinea a obra do verdadeiro chifre protestante. Um dos eventos para o verdadeiro chifre protestante nessa história é o segundo ajuntamento.

O segundo ajuntamento ocorreu na história da mensagem do segundo anjo, e também ocorreu na história do terceiro anjo, de 1844 até 1863, estabelecendo, na história milerita, duas testemunhas de que o Senhor estendeu Sua mão pela segunda vez para ajuntar Seu rebanho disperso.

23 de setembro, o Senhor me mostrou que Ele havia estendido a Sua mão pela segunda vez para recuperar o remanescente do Seu povo, e que os esforços devem ser redobrados neste tempo de ajuntamento. Na dispersão, Israel foi ferido e dilacerado, mas agora, no tempo de ajuntamento, Deus curará e atará as feridas do Seu povo. Na dispersão, os esforços feitos para espalhar a verdade tiveram pouco efeito, realizaram pouco ou nada; mas no ajuntamento, quando Deus tiver posto a Sua mão para ajuntar o Seu povo, os esforços para espalhar a verdade terão o efeito pretendido. Todos devem estar unidos e zelosos na obra. Vi que era errado que alguém recorresse à dispersão para tomar exemplos para nos governar agora no ajuntamento; pois, se Deus não fizesse por nós agora mais do que fez então, Israel jamais seria ajuntado. Primeiros Escritos, 74.

No apêndice de Early Writings, a Irmã White explica o comentário recém-citado:

3. A visão de que o Senhor 'estendera Sua mão pela segunda vez para recuperar o remanescente de Seu povo', na página 74, refere-se apenas à união e à força outrora existentes entre os que aguardavam a Cristo, e ao fato de que Ele começara a unir e a reerguer Seu povo novamente. Primeiros Escritos, 86.

A história sagrada dos Sete Trovões, representando o período de 11 de agosto de 1840 até 22 de outubro de 1844, tipificou a história sagrada de 22 de outubro de 1844 até a rebelião de 1863. Linha sobre linha, a primeira história ilustra as virgens prudentes, e a segunda linha ilustra as virgens néscias. Ambas as histórias começaram quando um anjo desceu com uma mensagem que deveria ser comida. A chegada do anjo, em ambas as histórias, iniciou um processo de prova que produziu uma dispersão e, em 1849, foi mostrado à Irmã White que o Senhor estava novamente estendendo Sua mão pela segunda vez, desta vez para ajuntar aqueles que haviam sido dispersos em 22 de outubro de 1844.

Eles haviam sido dispersos pela Grande Decepção, assim como os sábios em 19 de abril de 1844 haviam sido dispersos por sua primeira decepção. O segundo ajuntamento identificou que o Senhor "havia começado a unir e a erguer novamente o Seu povo." No segundo ajuntamento, a obra do Senhor inclui erguer um estandarte, unido na mensagem, e cuja humanidade está unida à Sua divindade. O propósito do estandarte é chamar o outro rebanho de Deus para fora da Babilônia, o

que é cumprido quando homens e mulheres veem o estandarte.

O estandarte é o exército daqueles que uniram sua humanidade à divindade de Cristo no tempo de prova da lei dominical. Assim, o segundo ajuntamento identifica a “raiz de Jessé”, que será levantada, trazendo o duplo simbolismo profético de Rute, uma pagã que é ajuntada pelo estandarte ao ser unida a Boaz, um símbolo dos cento e quarenta e quatro mil, e também um símbolo do Redentor, que pagou o preço por Rute e era seu parente mais próximo. Na encarnação da natureza divina de Cristo com a carne caída da natureza humana, Ele se tornou nosso parente mais próximo. O estandarte que é levantado é composto por aqueles unidos pela mensagem, que finalizam a obra de unir sua humanidade à divindade de Cristo antes da lei dominical.

Continuaremos este estudo no próximo artigo.

O apreço pela Bíblia cresce com o seu estudo. Para onde quer que o estudante se volte, ele encontrará revelados a infinita sabedoria e o amor de Deus.

O significado da economia judaica ainda não é plenamente compreendido. Vastas e profundas verdades são prefiguradas em seus ritos e símbolos. O evangelho é a chave que desvenda seus mistérios. Por meio do conhecimento do plano da redenção, suas verdades se abrem ao entendimento. Muito mais do que temos feito, temos o privilégio de compreender esses temas maravilhosos. Devemos compreender as coisas profundas de Deus. Os anjos desejam perscrutar as verdades que são reveladas às pessoas que, com coração contrito, buscam a palavra de Deus e oram por maior comprimento, largura, profundidade e altura do conhecimento que só Ele pode conceder.

À medida que nos aproximamos do fim da história deste mundo, as profecias relativas aos últimos dias exigem de modo especial o nosso estudo. O último livro das Escrituras do Novo Testamento está repleto de verdades que precisamos compreender. Satanás tem cegado a mente de muitos, de modo que acolheram de bom grado qualquer desculpa para não se dedicarem ao estudo do Apocalipse. Mas Cristo, por meio de Seu servo João, declarou aqui o que acontecerá nos últimos dias, e Ele diz: “Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia e guardam as coisas que nela estão escritas.” Apocalipse 1:3.

"Esta é a vida eterna", disse Cristo, "que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste." João 17:3. Por que não percebemos o valor desse conhecimento? Por que essas verdades gloriosas não ardem em nossos corações, não tremem em nossos lábios e não permeiam todo o nosso ser?

Ao nos dar Sua Palavra, Deus nos pôs na posse de toda a verdade essencial para a nossa salvação. Milhares têm tirado água dessas fontes de vida, e ainda assim não há diminuição do suprimento. Milhares têm posto o Senhor diante de si e, ao contemplá-Lo, têm sido transformados na mesma imagem. Seu espírito arde dentro deles enquanto falam de Seu caráter, dizendo o que Cristo é para eles, e o que eles são para Cristo. Mas esses buscadores não esgotaram esses grandes e santos temas. Milhares mais podem empenhar-se na obra de investigar os mistérios da salvação. À medida que se medita sobre a vida de Cristo e o caráter de Sua missão, raios de luz brilharão mais nitidamente a cada tentativa de descobrir a verdade.

Cada nova busca revelará algo mais profundamente interessante do que até agora foi desvendado. O assunto é inesgotável. O estudo da encarnação de Cristo, de Seu sacrifício expiatório e de Sua obra mediadora ocupará a mente do estudante diligente enquanto o tempo durar; e, olhando para o céu com seus incontáveis anos, ele exclamará: “Grande é o mistério da piedade”.

"Na eternidade aprenderemos aquilo que, se tivéssemos recebido a iluminação que era possível obter aqui, teria aberto o nosso entendimento. Os temas da redenção ocuparão os corações, as mentes e as línguas dos remidos ao longo das eras eternas. Eles compreenderão as verdades que Cristo ansiava revelar aos Seus discípulos, mas que estes não tiveram fé para alcançar. Para todo o sempre surgirão novas visões da perfeição e da glória de Cristo. Ao longo das eras sem fim, o Fiel Pai de família trará do Seu tesouro coisas novas e velhas." Christ's Object Lessons, 132-134.